

Caracterização identitária da Linguística Aplicada brasileira: aspectos teóricos

Identity characterization of Brazilian Applied Linguistics: theoretical aspects

Marcus Vinícius Freitas Mussi  

marcus.freitas@professor.ufcg.edu.br

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

Júlio Araújo  

araujo@ufc.br

Universidade Federal do Ceará – UFC

Lucineudo Machado Irineu  

lucineudo.irineu@uece.br

Universidade Estadual do Ceará – UECE

Resumo

O objetivo deste trabalho é caracterizar a identidade da Linguística Aplicada (LA) brasileira a partir do *modus operandi* empreendido por pesquisadores dos Programas de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Brasil em seus estudos teóricos. Para isso, usamos como construto teórico para discussão, basicamente, os seguintes autores: Leffa (1999), Paiva, Silva e Gomes (2009), Archanjo (2011), Nascimento e Silva (2015), Rocha e Daher (2015), Amorim (2017), Silva (2020) e Tomich e Silveira (2020). Para isso, este trabalho inventariou e analisou dados coletados a partir de 7 (sete) questionários; em seguida, foi feito o mesmo com 14 (quatorze) trabalhos publicados pelos referidos pesquisadores, sendo 7 (sete) indicados pelos participantes e 7 (sete) selecionados pelos autores a partir do currículo Lattes. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo descritiva e explicativa. Como resultado deste trabalho de estágio pós-doutoral, foram identificadas as seguintes características identitárias da LA brasileira: embora distinta enquanto área de estudo, a LA mantém estreita relação com a Linguística; há desprendimento do perfil epistemológico da LA quando da sua criação; a LA toma de empréstimo e devolve construtos teóricos em suas relações com outras (sub)áreas do conhecimento; linguistas aplicados brasileiros podem ser caracterizados como empreendedores junto aos movimentos de (re)construção epistemológica na área.

Palavras-chave

Identidade. Linguística Aplicada brasileira. Aspectos teóricos.

Abstract

In order to characterize the identity of Brazilian AL from the *modus operandi* undertaken by researchers from Postgraduate Programs in Applied Linguistics (AL) in Brazil in their theoretical studies, the theoretical framework was basically constituted by Leffa (1999), Paiva, Silva and Gomes (2009), Archanjo (2011), Nascimento and Silva (2015), Rocha and Daher (2015), Amorim (2017), Silva (2020) and Tomich and Silveira (2020). For this purpose, this work inventoried and analysed data collected from 7 (seven) questionnaires and then the same was done with

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 15/10/2021

Aprovação do trabalho: 26/09/2022

Publicação do trabalho: 07/04/2023



10.46230/2674-8266-15-7215

COMO CITAR

MUSSI, Marcus Vinícius Freitas; ARAÚJO, Júlio; IRINEU, Lucineudo Machado. Caracterização identitária da Linguística Aplicada brasileira: aspectos teóricos. **Revista Linguagem em Foco**, v.15, n.1, 2023, p.243-264. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/7215>.

Distribuído sob



Verificado com

Plagius
Detector de Plágio

14 (fourteen) works published by the researchers, with 7 (seven) indicated by the participants and 7 (seven) selected by the authors from the Lattes curriculum. Methodologically, this is a qualitative explained and descriptive. As a result of this post-doctoral internship work, the following identity characteristics of Brazilian AL were identified: although distinct as an area of study, AL maintains a close relationship with Linguistics; there is detachment of the epistemological profile of AL when it was created; AL borrows and returns theoretical constructs in their relations with other (sub) areas of knowledge; Brazilian Applied Linguists can be characterized as entrepreneurs in the epistemological (re)construction movements in the area.

Keywords

Identity. Brazilian Applied Linguistics. Theoretical aspects.

Introdução

Este trabalho é fruto de pesquisa de estágio pós-doutoral e representa a terceira fase do Projeto REME (Relendo Metodologias), empreendimento interinstitucional que vem sendo desenvolvido há mais de uma década e envolve as seguintes IES: Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Estadual do Ceará (UECE), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e, agora, Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Enquanto projeto de pesquisa guarda-chuva, o REME objetiva analisar questões atinentes à caracterização da epistemologia de base da Linguística Aplicada (LA), a partir da releitura crítica de questões teóricas e metodológicas de trabalhos ambientados nesta área.

Como dito, o projeto REME está organizado em três fases. Os resultados da primeira fase estão relatados em Araújo, Pimenta e Costa (2015) e Araújo, Dieb e Costa (2017). Os resultados da segunda fase estão relatados em Irineu e Araújo (2020). Naqueles, é apresentada uma “proposta didática para o ensino gênero projeto de pesquisa [...]: o quadro norteador de pesquisa” (ARAÚJO; PIMENTA; COSTA, 2015, p. 1), e no último é analisado o *modus operandi* acerca de interfaces em estudos de pesquisadores de mestrado no Ceará.

Apresentadas essas primeiras informações contextualizadoras, sigamos à discussão do estado da arte e do referencial teórico que embasa nossa pesquisa. Afirmar-se como área teórica e não apenas prática tem sido pauta da Linguística Aplicada (LA) no Brasil desde sua chegada em nosso país na década de 1950/60, quando linguistas aplicados brasileiros vêm se ocupando em construir e disseminar argumentação persuasiva nas comunidades acadêmicas. No entanto, Moita Lopes (1996, p. 18) compreende, já em 1996, que a preocupação principal dessa empreitada deve estar nos modos de fazer pesquisa em LA, caracterizando-a. Dessa forma, o referido autor compreende estar oferecendo aos pesquisadores da área, possibilidade de pertencimento a um “fazer LA”.

Nessa mesma perspectiva, e na tentativa de tirar o foco dos esforços em

buscar reconhecimento burocrático da LA – organização da área de estudo nas universidades, repartições governamentais, etc., Celani (1998, p. 130) deixa o legado de que “o que conta mesmo é o senso de identidade concedido pelo reconhecimento dos pares”. No Brasil, esse senso de reconhecimento é consumado formalmente com a fundação da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB) em 1990, fruto de uma área que já era constituída de objeto próprio: linguagem em uso, características que se diferenciam da Linguística (inter/transdisciplinares, heterogênea, nômade, etc.), entre outros aspectos.

Até essa data, havia apenas dois Programas de Pós-graduação (PPG) em Linguística Aplicada no Brasil: o LAEL¹ – PPG em Estudos da Linguagem - PUC-SP, desde 1971, e o PPG em Linguística Aplicada² UNICAMP-SP, desde 1987. Já nos anos que seguem à fundação da ALAB, são criados mais 5 (cinco) PPG em LA: Universidade de Taubaté (UNITAU-SP), 1996, Universidade Estadual do Ceará (UECE), 1998, Universidade de Brasília-UnB-DF, 1999, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), década de 1990 e Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS-RS), 2000. Estabeleceram-se nesse período, portanto, um PPG na região Nordeste, um na região Sul, um no Distrito Federal e dois na região Sudeste. Já se passaram pelo menos duas décadas de estudos e pesquisas nos referidos cursos, estabelecendo-se, assim, forte influência na caracterização da LA brasileira. Com isso, os PPG em LA apresentam-se como terrenos férteis para a investigação da identidade dessa área em solo brasileiro.

Apresentado esse cenário, torna-se pertinente listar problematizações caras ao nosso objeto de estudo (identidade da LA brasileira), divididas em controvérsias e pontos obscuros. A primeira controvérsia é a de que, embora a LA tenha chegado no Brasil³ praticamente ao mesmo tempo da sua criação, por volta dos anos 1950, não há áreas de concentração ou linhas de pesquisa nos PPG em LA no Brasil voltadas especificamente para caracterização da LA brasileira.

Outra controvérsia se remete à ampla aceitação do que vem de fora do país, mesmo diante da tendência decolonizadora que vivemos hoje nas ciências sociais. Reforçamos tal posição com as palavras de Leffa (1999, p. 2) publicadas há mais de duas décadas, mas que seguem atuais: “os brasileiros somos muitas vezes criticados por copiar aqui dentro o que acontece lá fora, numa imitação servil de outras culturas e violação da nossa identidade”. Mais uma controvérsia se refere ao caráter inter/transdisciplinar que se posiciona na vanguarda das

1 Portal do PPG em LA: <https://www.pucsp.br/pos-graduacao/mestrado-e-doutorado/linguistica-aplicada-e-estudos-da-linguagem>

2 Portal do PPG em LA: <https://www.iel.unicamp.br/br/content/lingu%C3%ADstica-aplicada-2>

3 Francisco Gomes de Matos traz a LA para o Brasil na segunda metade da década de 1950.

“discussões mais inovadoras e contemporâneas de produção de conhecimento” (MOITA LOPES, 2013, p. 18), mas, concomitantemente, em constante embate com as disciplinaridades solidificadas na produção de conhecimento da academia. Além dessas controvérsias, há pontos obscuros que envolvem nosso trabalho.

O primeiro se refere à observação da realidade a partir de suas representações sociais (MOSCOVIC, 1973)⁴ que, mesmo trabalhando em sua dinâmica e diversidade, não pode se afirmar como assessora à clara verdade, uma vez que as representações são observáveis através dos discursos. Esse postulado está atrelado à outra obscuridade: a política de representação da verdade nos discursos. Segundo Foucault (1996), existem vários discursos de verdade que se modificam de acordo com os dispositivos sociais e a produção de poder, ou seja, a verdade produzida depende de quem a produz discursivamente. Em suma, as representações sociais expressas nos discursos nos fornecem verdades construídas pelos diferentes atores sociais e, portanto, trata-se apenas de versões da verdade.

Sintetizando, são pouco representativas as pesquisas que caracterizam a constituição identitária da LA brasileira de forma decolonizadora. Dessa forma, as reflexões que lançamos aqui de início compilam os principais trabalhos desenvolvidos no país acerca do assunto com o objetivo de caracterizar a identidade da LA brasileira a partir do *modus operandi* empreendido por pesquisadores dos Programas de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Brasil em seus estudos teóricos, como veremos a seguir.

1 Fundamentos teóricos

Feito a introdução, apresentamos nos próximos parágrafos, em ordem cronológica, um conjunto de pesquisas que nos permite situar a discussão reportada no presente relatório de estágio pós-doutoral: caracterizar a identidade da LA brasileira a partir do *modus operandi* empreendido por pesquisadores dos PPG em LA do Brasil em seus estudos teóricos. O recorte do período se dá com publicações a partir de 2006, quando a LA se apresenta mais interessada na constituição de uma identidade brasileira e a partir de quando Leffa (2006, p. 01) propõe “mostrar o que e como se pesquisa em Linguística Aplicada no Brasil”.

Leffa (2006) não busca oferecer uma percepção ampla ou panorâmica da LA no país, mas almeja caracterizar a área no Brasil a partir, sobretudo, de temas novos e representativos para a época. São eles: aprendizagem de línguas media-

4 Teoria das Representações Sociais (TRS).

da por computador (CALL⁵), linguística sistêmico funcional, interação verbal na sala de aula, autonomia relativa, ensino de leitura e gêneros textuais. O objetivo foi oferecer orientação específica para perfis diferentes que vão desde discentes de graduação em Letras e professores de áreas afins, tais como Educação, Psicologia e Pedagogia, até pesquisadores em LA.

Desta mesma década, selecionamos um material amplamente estudado em cursos de graduação e pós-graduação no país, no qual Paiva, Silva e Gomes (2009) apresentam um panorama mais amplo da LA ao buscar contemplar aspectos históricos, e observar temas pesquisados pela LA em periódicos nacionais e internacionais. Eles postulam que, na “década de 70, a pesquisa em LA no Brasil focava a análise contrastiva e, nos anos 80, a leitura. Já no final da década de 90, mostra sinais de diversificação nas pesquisas e a LA se consolida no Brasil” (CAVALCANTI, 2004, *apud* PAIVA; SILVA; GOMES, 2009).

Mais especificamente entre os anos de 1996 e 2006, os temas mais recorrentes em periódicos brasileiros (Revista Brasileira de Linguística Aplicada; Trabalhos em Linguística Aplicada; ESPecialist, Linguagem e Ensino e D.E.L.T.A) analisados por Paiva, Silva e Gomes (2009, p. 15-18) foram: análise do discurso, metodologia de ensino de línguas, formação de professores e aquisição de segunda língua. Embora possuam referência teórica, apenas uma pequena parcela dos artigos pesquisados apresenta claramente o suporte teórico em seus resumos, a saber: sociointeracionismo, teoria bakhtiniana, análise do discurso de linha francesa e análise de discurso crítica.

Por fim, os referidos autores pontuam que tem havido aumento da diversidade temática e do enfrentamento de divergências dentro da LA, além de gradativa aproximação entre Linguística e Linguística Aplicada. Destacamos que a Linguística está sendo influenciada por estudos do discurso, do texto e da aprendizagem, e a LA se aproximando de investigações de base psicanalítica, divergências epistemológicas e pesquisas sobre identidade (PAIVA; SILVA; GOMES, 2009, p.22 e 23).

Passando para a década seguinte, Archanjo (2011) apresenta uma proposta da qual nosso trabalho se aproxima, uma vez que ela investigou a “Linguística Aplicada (LA) como um campo de estudos produtor de conhecimento que tem sofrido muitas transformações ao longo de sua trajetória de busca de uma identidade própria”. Se nos três últimos parágrafos apresentamos características teóricas da LA brasileira a partir de pesquisas com periódicos, a referida autora apresenta resultados alcançados a partir do Congresso Brasileiro de Linguística

5 Sigla do termo *Computer-Assisted Language Learnig*.

Aplicada (CBLA) sobre o fazer científico.

Desde o primeiro CBLA⁶, em 1986, discute-se o *modus operandi* dos pesquisadores em LA – entre outros fatores – em função da identidade própria da área. Os resultados históricos gerais, segundo Archanjo (2011) apontaram “para a diversidade e a riqueza dos caminhos desse campo de saber que lhe configuram uma identidade própria e única”, mais especificamente:

Com uma identidade construída por transformações, essa história [do CBLA] também nos conta que nesse percurso fomos levados a transitar por caminhos que cotejaram diversas relações disciplinares: a LA foi, ao longo de seu percurso, multi-, pluri-, inter-, e transdisciplinar. Relações que não apenas denotam o modo como se define o objeto de estudo linguístico, mas, sobretudo, o modo como se cria inteligibilidade sobre os problemas de linguagem que emergem dos diferentes objetos de estudo e que se colocam como possibilidades de reflexão, uma vez ampliadas as fronteiras disciplinares do campo de estudos da LA (ARCHANJO, 2011, p. 18).

Em outra perspectiva identitária, através de profunda análise do pioneiro artigo “A propósito de linguística aplicada”⁷ (CAVALCANTI, 1986), Nascimento e Silva (2015) postulam que a LA brasileira chegou à sua fase adulta, apontando para truísmos e desafios da área. Ao final, os autores fazem incisivas críticas em prol da desconstrução do projeto de “purificação da linguagem [isto é, a eleição de um fragmento dela como objeto de uma ciência] de Saussure” com estabelecimento de fronteiras entre disciplinas. Projeto este fortemente alicerçado na filosofia modernista de John Locke, “que buscou demarcar uma língua segura para uma sociedade igualmente segura [e] garantir o espaço vital para a modernidade e os modernistas” (NASCIMENTO E SILVA, 2015, p. 371, grifo nosso). Nesse sentido,

Na medida em que as demarcações epistêmicas de Saussure e Locke pressupunham a exclusão de muitos não-modernos desse núcleo seguro, resta à **fase adulta da linguística aplicada o desafio de não apenas mapear a instanciação dessas demarcações na vida social contemporânea, mas também de enfrentar os problemas que não coincidem com essas circunscrições e exclusões.**

Dando continuidade à discussão identitária, mas agora com foco no Brasil, remetemo-nos a Amorim (2017), por este empreender sobre (inter-)relações teórico-metodológicas entre a LA e os estudos brasileiros e suas possibilidades de transfertilização mútua, sinalizando que ambas as áreas estão em movimento

6 Primeiro evento científico específico da área em âmbito nacional que ocorre a cada três anos. As quatro primeiras edições foram promovidas pela Unicamp, sendo o V CBLA organizado já pela ALAB – Associação de Linguística Aplicada do Brasil.

7 Este artigo é resultado de discussões apresentadas no I CBLA e tem servido de referência no Brasil.

de redescrição própria e que apostam em novas epistemologias. Dessa forma, “apostam em novas epistemologias, isto é, novas lentes [...] que considerem o contexto social, econômico, político e cultural mais amplo, no qual as pessoas vivem suas vidas” (AMORIM, 2017, p. 1).

O referido autor pontua brevemente o percurso da LA na sua consolidação enquanto área que produz conhecimento: aplicação da linguística ao ensino de línguas, questionamento dessa aplicabilidade, adoção da interdisciplinaridade e abrangência a contextos não escolares. Em seguida, foca nos estudos brasileiros, destacando que, por um lado, os primeiros estudos dos brasilianistas (embora tenham sido relevantes nas ciências sociais no Brasil) procuravam colocar o país como reprodutor do eurocentrismo, enquanto, por outro lado:

O que os novos brasilianistas propõem, desse modo, é um giro epistemológico descolonizador, que possibilite a construção de um olhar brasileiro para as ciências humanas e sociais (CARVALHO, 2013). Com efeito, hoje, quando se aborda a área de estudos brasileiros, abordam-se, na verdade, estudos que considerem o que o Brasil tem “a sugerir como diferença e como novas perspectivas, novas estruturas de pensamento” (RAMBOURG, 2012, p. 24), não excluindo outras formas de construção de conhecimentos e saberes, mas ressignificando-as a partir de um paradigma brasileiro (AMORIM, 2017, p. 2).

Finalizando, selecionamos alguns trabalhos mais recentes de Silva (2019; 2020) por observarem a diversidade temática abordada nos PPG em LA brasileiros e por abordar o conceito de cultura disciplinar relacionado à LA. Sobre este último aspecto, reiteramos que não se busca observar este conceito de forma a definir uma disciplina, mas no sentido de caracterizar a LA enquanto área do conhecimento cujo caráter transgressivo (não-disciplinar) é proeminente. E sobre o primeiro aspecto: “compilamos as temáticas e/ou áreas de interesse dos/as docentes com pesquisas em andamento, o que nos deu um panorama dos projetos/temas que vem sendo desenvolvidos nas diferentes linhas de pesquisa dos Programas de pós-graduação em LA no Brasil” (SILVA, 2020, p. 61).

De forma alinhada a esses resultados, Tomitch e Silveira (2020) foram trazidos à baila por apresentarem o volume histórico da Revista Desterro em comemoração dos 30 anos da ALAB, abordando, entre outros aspectos, a diversidade de temas da LA no Brasil:

Atualmente no Brasil, os temas centrais da Linguística Aplicada encontram-se em documentos oficiais que regulamentam o ensino de línguas no ensino fundamental e médio educação (muitas vezes referida como Educação Básica) e ensino superior, a saber, as diretrizes de pós-graduação expedidas pela CAPES (Co-

ordenação para a Melhoria de Pessoal de Ensino Superior) e as normas curriculares emitidas pelo Ministério de Educação. **Alguns desses temas são alfabetização crítica, internacionalização e a perspectiva do inglês como língua franca**, e eles têm alimentado a pesquisa realizado em todos os níveis educacionais (TOMITCH; SILVEIRA, 2020, p. 1, grifo nosso).

Considerando, portanto, os trabalhos desenvolvidos ao longo das duas últimas décadas, observando que não há nenhuma pesquisa que considere o conjunto dos PPG em LA no Brasil como epicentro da identidade da LA no país e expandindo o projeto REME para uma vertente diferente das que já foram desenvolvidas – pesquisar todos os PPG em LA no Brasil, observando suas características teóricas, destacamos, a seguir, as etapas teórico-metodológicas executadas.

2 Procedimentos metodológicos

A presente pesquisa foi executada de acordo com as seguintes macro etapas: (i) construção do estado da arte e do referencial teórico; (ii) coleta de dados; (iii) constituição do corpus: resposta de 7 pesquisadores a questionários aplicados, excertos de 6 artigos e 1 livro indicados por esses mesmos pesquisadores como sendo representativos de suas investigações e 7 artigos coletados nos currículos Lattes destes pesquisadores; (iv) análise dos dados parte I – respostas de 7 pesquisadores a questionário aplicado; (v) análise dos dados parte II – excertos de 6 artigos e 1 livro indicados por esses mesmos autores como sendo representativos de suas pesquisas e 7 artigos coletados nos currículos destes pesquisadores.

No tocante ao tipo, pela sua finalidade, esta pesquisa caracteriza-se como descritiva e explicativa (PAIVA, 2019), uma vez que foi feito o levantamento prévio dos dados, seguido da caracterização da amostragem para, então, descrever e explicar a complexidade dos fatos. Ainda sobre o tipo de pesquisa, quanto aos procedimentos, trata-se a presente pesquisa de um empreendimento de cunho bibliográfico, pois tomou como um de seus materiais de análise artigos/livros de cada um dos sete programas de pós-graduação brasileiros. É ainda uma pesquisa de procedimentos, considerando os questionamentos feitos a indivíduos para a descrição da realidade que circunda o objeto através da aplicação de questionário.

E quanto à natureza, trata-se de uma pesquisa de cunho interpretativista por buscarmos compreender os significados construídos em determinado contexto social. Tal perspectiva surge em contraposição ao paradigma positivista, trazendo mudanças profundas no fazer LA, a exemplo da erosão do “melhor

método” e o professor abandona gradativamente o papel de “intérprete” do livro didático. Mas as mudanças não permearam apenas este campo, mas em investigações fora da sala de aula também. E, assim, seguimos tal tendência no campo de estudos.

Por fim, importa reforçar que nosso *corpus* é constituído pelas respostas obtidas através da aplicação de questionários a sete pesquisadores, 6 (seis) artigos e 1(um) livro, representando cada um dos 7 (sete) PPG em LA do Brasil, ou seja, 1 (um) questionário e 1 (um) trabalho acadêmico de cada um dos 7 (sete) Programas instituídos no país. Para chegar a esses dados, foi enviado aos participantes da pesquisa (um de cada PPG) um questionário e em seguida solicitado que enviassem um artigo que representasse sua atuação na área de pesquisa, de forma mais significativa. Concluída a coleta, e selecionado o *corpus*, procedemos à análise dos dados, segundo as duas etapas supra apresentadas.

3 Análise de dados

Ao longo do histórico de tentativas em apartar a LA como área de investigação, muitos esforços foram despendidos na busca por um critério nítido distintivo, sobretudo em relação à Linguística, o que levou a um debate objetivamente definidor e, por consequência, excludente. No entanto, ao buscar “indagar o que os praticantes⁸ dessa linguística aplicada vêm fazendo dela ao longo do tempo [...] é bem possível que possamos encontrar uma forma de descrever de que modo ela (vem) funciona(ndo)” (ROCHA; DAHER, 2015, p. 1). E é sobre isso que vamos tratar nessa sessão.

Com o objetivo de inventariar os fundamentos teóricos mobilizados de diferentes áreas/subáreas do conhecimento pelos participantes, apresentamos a seguir a tabulação dos dados obtidos a partir dos questionários aplicados:

8 No original, o autor defende não se limitar à visão dos especialistas. No entanto, adotamos sua construção morfossintática para adaptarmos ao nosso entendimento de que são justamente esses especialistas que podem dar contribuições mais amplamente significativas para a LA, mesmo considerando outras vozes na (re)construção dos saberes.

Quadro 1 – Dados obtidos a partir dos questionários

INSTITUIÇÃO	Área / subárea do conhecimento mobilizada pelo participante	Fund. teóricos estrangeiros mobilizados pelo participante	Fund. teórico brasileiros mobilizados pelo participante	Proposição/construto teórico próprio desenvolvido no PPG por colegas do participante	Proposição/construto teórico próprio dos participantes	Características próprias da LA brasileira
UECE (A1)	Sociologia, Linguística, Psicologia, Comunicação Social.	Reflexões sobre representações sociais e sobre decolonialidade.	Reflexões sobre representações sociais e sobre decolonialidade.	Discussão sobre pragmática cultural	Abordagem discursiva das representações sociais.	Engajamento na luta social/interdisciplinaridade.
Puc/SP (A2)	Filosofia, Linguística, Psicologia, Computação, Linguística de Corpus, Humanidades Digitais, Análise de Discurso, Metáfora.	Embora não entenda que há nacionalidade em pesquisa, respondeu: dimensão de variação, tipo textual, padronização lexical, metáfora conceptual, discurso, tópico, colocação, coligação, prosódia semântica, ciência aberta, etc.	Embora não entenda que há nacionalidade em pesquisa, respondeu: transdisciplinaridade da Linguística Aplicada, verbo-visualidade, etc.	Transdisciplinaridade da Linguística Aplicada, verbo-visualidade, Pesquisa Crítica de Colaboração.	Dimensão lexical de variação, dimensão canônica de variação, dimensão estética de variação, dimensão colocacional de variação.	Transdisciplinaridade, questões de gênero, raciais e identitárias, formação de professor, análise de discurso, linguagem de sinais.
UFRJ (A3)	Sociologia, Filosofia, Linguística, Literatura.	Básica epistemológica e conceitos da Filosofia da Linguagem do Circulo de Bakhtin (M. Bakhtin, P. Medvedev, V. Volochinov etc.), conceitos da Sociolinguística da Globalização (J. Blommaert, B. Rampton, Silverstein e Urban etc.), conceitos dos estudos dos Letramentos (B. Street, M. Kalantzis, B. Cope, J. P. Gee; The New London Group etc.) e conceitos dos estudos de adaptação (R. Stam, J. Sanders, L. Hutcheon etc.).	Conceitos da área de ensino de literaturas, leitura literária e letramentos literários (R. Zilberman, M. Lajolo, R. Cosson, G. Paulino, M. Soares, M. A. Dalvi, H. Pinheiro, C. Bunzen, C. Neves etc.) e conceitos da sociologia e antropologia (E. Viveiros de Castro, especialmente).	Linguística Aplicada Indisciplinar. Letramento Sociointeracional Crítico. Transletramentos. Intertext (sex)ualidade.	Práticas de Letramento Literário. Devoração Transcultural.	Sobretudo a indisciplinaridade e transdisciplinaridade. O olhar para questões situadas de uso de linguagem no e para além do cenário educacional, tendo como foco aquilo que a LA internacional geralmente ignora a partir de diálogos epistemológicos e teórico-metodológicos.

UnB (A4)	A pergunta [acerca de quais disciplinas são usadas em suas pesquisas] pressupõe que haja sempre uma área ou ciência teórica que aduz base de aplicação, mas no caso deste participante, propugna uma ciência Aplicada autônoma, com teoria própria e metodologia de pesquisa de tipo aplicado.	Não responde pontualmente.	Não responde pontualmente.	Não responde pontualmente.	Não responde pontualmente.	Não reconhece traços claros da LA brasileira, não ser o qualitativo, que entende ser dominante nos centros de pesquisa, embora não exclusivo.
Unisinos (A5)	Sociologia, Linguística.	Não responde pontualmente.	Não responde pontualmente.	Não responde pontualmente.	Não responde pontualmente.	Crítica e um pouco voltada ao ensino.
Unitau (A6)	Filosofia, Linguística.	Bakhtin; Maingueneau; van Dijk.	Marcuschi; Rojo; Fiorin.	Não responde pontualmente.	Não responde pontualmente.	Transdisciplinaridade.
Unicamp (A7)	Linguística, Linguagem e Tecnologia, Humanidades Digitais.	Ciência das Redes - Linguística do Corpus - Linguística Sistêmico-Funcional - Processamento Natural de Linguagem - Educação para os meios - Transliteracias - Filosofia da Tecnologia.	-Educomunicação - Filosofia da Tecnologia.	Não responde pontualmente.	Não responde pontualmente.	- Foco no ensino aprendizagem - Foco em análise qualitativas baseadas em experiências pessoais. Tais focos tendem a gerar preconceito contra abordagens - Quantitativas em métodos mistos - Apoiadas em dados e em métodos descritivos.

Fonte: elaborado pelos autores a partir dos questionários aplicados com os participantes.

Apresentado o quadro, analisamos sistematicamente como os participantes mobilizam fundamentos teóricos em seus trabalhos. Inicialmente, empreendemos esta tarefa com os dados dos questionários e, em seguida, com os dados obtidos a partir dos trabalhos dos participantes. Destacamos que o desenvolvimento da análise foi realizado a partir da visão do grupo dos participantes e não de forma individual.

O primeiro ponto marcante encontrado nas respostas dos participantes aos questionários foi o aspecto social, seja enquanto área/subárea do conhecimento usada pelo participante em suas pesquisas – e por consequência seus respectivos fundamentos teóricos – seja enquanto proposição/construto teórico desenvolvido, como vemos em A1, A3 e A5. Se, por um lado, a abordagem sociológica na análise nos parece coerente, senão esperada – embora não obrigatória – em uma área das ciências sociais aplicadas com a LA, por outro, a singularidade está no foco e na tratativa dados a esta esfera do conhecimento.

Referimo-nos especificamente ao fato de que os esforços estão voltados para engajamentos em lutas sociais, tais como a decolonialidade ou questões situadas de uso da linguagem baseadas em experiências pessoais e relacionadas a gênero, raça e/ou identidade. E aqui citamos Rocha e Daher (2015, p. 136) por postularem que não é suficiente dizer que os trabalhos de LA estão caracterizados pelo viés social.

Unidas à questão social, a Linguística e a Filosofia foram também umas das áreas mais citadas pelos participantes, sendo uma ou outra citada por todos os participantes. Parece-nos compreensível, uma vez que a LA surgiu da Linguística. Embora compartilhem da língua como objeto de pesquisa, ambas as áreas se posicionam em perspectivas fundamentalmente distintas, na mesma proporção que a Linguística nasceu da Filosofia, mas possui seu objeto de estudo claramente apartado desta área do conhecimento. Dessa forma, os participantes desta pesquisa deixam claro que Linguística e Filosofia são escolhas na condução inter/transdisciplinar junto às suas pesquisas. Em suma, a Linguística não está subordinada à Filosofia assim como a LA não está subordinada à nenhuma destas duas disciplinas.

Como resultado, já podemos dizer que o foco da caracterização aqui não está nas escolhas pelo aspecto social ou por envolver as disciplinas supracitadas, mas na tratativa que é dada a essas escolhas. Em suma, a militância social (advogando em função da decolonialidade e em prol das “vozes do sul”⁹) e a inter/

9 Esse termo foi cunhado por Moita Lopes para se referir a todas as vozes que estão à margem da sociedade, como em função do gênero (por ser mulher, por exemplo) ou raça (como a voz negra), por

transdisciplinaridade com foco na Linguística e Filosofia são as primeiras características identitárias identificadas.

Dado isso, observamos que há uma pulverização nas escolhas de outras disciplinas, e por consequência dos fundamentos teóricos adotados, por parte dos participantes, que citaram, por exemplo, a Psicologia, Tecnologia, Computação, Literatura, Análise do Discurso e Comunicação Social como disciplinas usadas no desenvolvimento de suas pesquisas. Vemos aqui, portanto, um momento oportuno para entrelaçarmos estes resultados com os alcançados por Paiva, Silva e Gomes (2009) e os postulados de Archanjo (2011).

Isso porque as primeiras já sinalizaram “para o aumento da diversidade temática” (PAIVA; SILVA; GOMES, 2009, p. 22), a segunda por destacar que a “análise da transformação das áreas e subáreas temáticas de estudo nesse recorte temporal [da sua pesquisa] apontam para a diversidade e a riqueza dos caminhos desse campo de saber que lhe configuram uma identidade própria e única” (ARCHANJO, 2011, p. 1).

Dessa forma, apresentamos aqui a terceira característica que, segundo os dados, pode identificar a LA brasileira: a diversidade, seja no tocante às escolhas de disciplinas, dos fundamentos teóricos ou das temáticas. E isso nos conduz a vários outros desdobramentos que vão desde aspectos relacionados à construção de agendas de pesquisa até institucionalização da LA, os quais não vamos dissecar aqui.

Ao questionarmos os participantes sobre as proposições ou os construtos teóricos desenvolvidos por eles ou no PPG onde atuam, vale ressaltar que menos da metade respondeu sobre esse tema, a saber: A1, A2 e A3. No entanto, essa é certamente a característica específica que pode marcar a LA brasileira e merece que todos os dados fornecidos sejam listados a seguir: Pragmática Cultural, Abordagem Discursiva das Representações Sociais, Transdisciplinaridade da LA, Verbo-visualidade, Pesquisa Crítica de Colaboração, Dimensões lexical/canônica/estética/colocacional de variação, LA Indisciplinar, Letramento Sociointeracional Crítico, Intertextualidade, Práticas de Letramento Literário e Devoração Transcultural.

Essa diversidade de domínios que se referem tais proposições/construtos teóricos é fruto, entre outros fatores, do interesse da LA por questões intimamente relacionadas à busca por dar respostas – ou pelo menos (re)narrar a vida social – a múltiplas demandas sociais. Dirigimo-nos aos seguintes resultados para refor-

exemplo. “Vozes do sul” é uma expressão que se refere metaforicamente ao hemisfério sul do planeta, onde estão, basicamente, os continentes africano, americano do sul e central e a Oceania.

çar a característica da diversidade:

empreendemos uma pesquisa exploratória que visou **mapear as diversas temáticas** que tem sido de interesse de professores/as pesquisadores/as atuantes nos programas de pós-graduação em Linguística Aplicada. [...] visitamos os sites dos sete programas e **compilamos as temáticas** e/ou áreas de interesse dos/as docentes com pesquisas em andamento, **o que nos deu um panorama dos projetos/temas que sem sendo desenvolvidos nas diferentes linhas de pesquisa dos Programas de pós-graduação em LA no Brasil** (SILVA, 2020, p. 61-69, grifo nosso).

Esta pesquisa identificou centenas de temas, o que “revela as várias possibilidades de construção de objetos de pesquisa por linguistas aplicados/as” (*Ibidem*). No entanto, não vamos tratar de forma específica cada um deles, uma vez que a intenção aqui é inaugurar uma compilação de aspectos teóricos desenvolvidos dentro dos PPG em LA, que pretendemos dar sequência em outros trabalhos.

Compreendemos esta ação de desenvolvimento alinhada com uma característica já citada, a de decolonialidade. Não estamos apenas consumindo epistemologias da LA produzidas fora do país, mas propondo teorias germinadas a partir de contextos brasileiros. Mas, alertamos o leitor que não é nossa intenção criar uma atmosfera de rivalidade, mas inserir a voz brasileira no circuito de (re) construções epistemológicas da LA.

Finalizando a análise do questionário, no montante das informações objetivamente fornecidas pelos participantes sobre as características da LA brasileira, damos destaque à inter/transdisciplinaridade e à escolha pelo contexto escolar/ ensino-aprendizagem por terem sido citadas por praticamente todos, excetuando o A4.

E retomamos aqui a discussão sobre inter/transdisciplinaridade sobre outro viés. A interdisciplinaridade não é observada por Smith (2000) exatamente como uma marca da LA, mas como uma segunda etapa vivenciada pela área ao longo de sua história. Para este autor, a primeira etapa seria caracterizada pela Linguística ocupando lugar fundamental na LA (basicamente, aplicação de teorias linguísticas a contextos reais) e a terceira, atual, a de produção de teorias próprias.

Mesmo assim, estamos mais inclinados a concordar com Rocha e Daher (2015, p.118) de que “não temos dúvida de que a dimensão interdisciplinar é absolutamente necessária para a caracterização de um trabalho em linguística aplicada”. Em suma, concordamos que a inter/transdisciplinaridade é uma característi-

ca da LA (brasileira) enquanto meio para teorização própria da área, e para isso, a abordagem crítica é fundamental.

E para falarmos do contexto escolar/ensino-aprendizagem, remetemo-nos novamente a Paiva, Silva e Gomes (2009, p.2) pelo fato de as referidas autoras entenderem que ensino e aprendizagem é uma das visões restritas da LA. Explicamos que a LA nasce da aplicação da Linguística para melhoramento de ensino e aprendizagem de língua por volta da década de 1940, ficando claro, desde a sua institucionalização em Edimburgo em 1956, que o referido contexto de estudo é apenas um dentre vários outros: “examinamos o uso da linguagem em um número variado de situações sociais (ex.: uso da linguagem na conversa cotidiana, em situações educacionais, em contextos médicos, etc)” (*Ibdem*).

Sumarizando, foram identificadas as seguintes características da LA brasileira a partir dos questionários aplicados com especialistas ouvidos de todos os PPG em LA do Brasil: a militância social com foco na decolonialidade; a inter/transdisciplinaridade com foco na Linguística e Filosofia; a diversidade quanto às escolhas de disciplinas, dos fundamentos teóricos ou das temáticas; e o contexto escolar como preferência.

Antes de passarmos para a segunda etapa de análise desta pesquisa – dos trabalhos dos participantes – queremos esclarecer que não fazemos ainda distinção entre o que é singular da LA brasileira e o que é característica geral da LA por se tratar de um trabalho que inaugura o início de uma série de pesquisas que virão.

Agora, seguimos com a discussão sobre o inventariado dos fundamentos teóricos selecionados de diferentes áreas/subáreas do conhecimento pelos participantes e a observação de como pesquisadores dos PPG em LA do Brasil mobilizam fundamentos teóricos em seus trabalhos. Para isso, vamos dissecar concomitantemente textos indicados pelos autores, dispostos no Quadro 2, e textos selecionados por nós a partir dos respectivos currículos Lattes dos participantes desta pesquisa, apresentados no Quadro 3:

Quadro 2 – Dados obtidos a partir dos trabalhos representativos dos participantes

INSTITUIÇÃO	Área / subárea do conhecimento mobilizada pelo participante	Fund. teóricos estrangeiros mobilizados pelo participante	Proposição/ construto teórico próprio dos participantes
UECE (B1)	Linguística / Linguística Aplicada, subárea Análise do Discurso. Psicologia Social.	Teoria das Representações Sociais ou Grande Teoria, Abordagem Genética, Abordagem estruturalista, Abordagem societal.	Abordagem discursiva das representações sociais (construto teórico-metodológico).
Puc/SP (B2)	<i>Só trata de metodologia.</i>		
UFRJ (B3)	Linguística, Linguística Aplicada.	Perspectiva dialógica de análise do discurso. Concepções de leitura.	<i>Não responde pontualmente.</i>
UnB (B4)	<i>Não responde pontualmente.</i>	<i>Não responde pontualmente.</i>	Evita o termo Linguística Aplicada por este acolher o sentido de aplicação de teorias (interdisciplinar), propondo o termo Ciência Aplicada da Linguagem (CAL).
Unisinos (B5)	Linguística, subáreas: análise da narrativa oral e Linguística Textual.	Dimensões da narrativa, noção de referência.	<i>Não responde pontualmente.</i>
Unitau (B6)	<i>Não aponta teoria pontualmente.</i>	Sistema de comunicação por troca de figuras	<i>Não responde pontualmente.</i>
Unicamp (B7)	Linguística, subáreas: Linguística Sistemico-funcional e Linguística de Corpus.	Sistema de avaliatividade. Análise fatorial e de colocados.	<i>Não responde pontualmente.</i>

Fonte: elaborado pelos autores a partir dos trabalhos indicados pelos participantes da pesquisa.

Quadro 3 – Dados obtidos a partir dos currículos Lattes dos participantes

INSTITUIÇÃO	Área / subárea do conhecimento mobilizada pelo participante	Fund. teóricos estrangeiros mobilizados pelo participante	Proposição/ construto teórico próprio dos participantes
UECE (C1)	Análise do discurso	Conceito de tradições discursivas	<i>Não responde pontualmente.</i>
Puc/SP (C2)	Análise do discurso	<i>Não responde pontualmente.</i>	Dimensão de variação (análise multidimensional)
UFRJ (C3)	Análise do Discurso	Advindos dos Círculo de Bakhtin	Busca discutir e ressignificar a noção de leitura literária.
UnB (C4)	Ensino e aprendizagem de línguas	<i>Não responde pontualmente.</i>	<i>Não responde pontualmente.</i>
Unisinos (C5)	Análise da Conversação, estudo da narrativa oral e Linguística Textual	Noção de referenciação e metadiscursividade	<i>Não responde pontualmente.</i>
Unitau (C6)	Análise do Discurso	Relações dialógicas	<i>Não responde pontualmente.</i>
Unicamp (C7)	Linguística Sistêmico-Funcional	Sistema de Transitividade	<i>Não responde pontualmente.</i>

Fonte: elaborado pelos autores a partir de trabalhos publicados nos currículos Lattes dos participantes.

Ao observarmos ambos os quadros, podemos perceber novamente – uma vez que se deu com os dados dos questionários – proeminência da Linguística como área do conhecimento adotada nos trabalhos acadêmicos desenvolvidos

por professores dos PPG em LA do Brasil, a exemplo dos excertos B1, B3, B5, B7, C5 e C7. Neste sentido, diferente do que encontramos nos questionários analisados na seção anterior, não há traços de diversidade de áreas do conhecimento nos trabalhos dos participantes, excetuando o excerto B1, onde o pesquisador lança mão da Psicologia Social.

Nos trabalhos sinalizados, a inter/transdisciplinaridade se dá, basicamente, focada na Linguística. Com isso, podemos inferir que a LA mantém estreita relação com a Linguística por compartilharem de argumentos languageiros na construção dos seus objetos de pesquisa – tal como ocorre entre a ecologia e a botânica no tocante à flora, por exemplo. No entanto, é responsável destacarmos que o objeto de investigação da LA transborda os limites teóricos disciplinares da Linguística ao posicionar seus estudos no campo das práticas sociais, como Silva (2020, p.25 e 26, grifo nosso) exemplifica com nitidez:

Um exemplo clássico são as relações sociointeracionais que se estabelecem entre professores/as e alunos/as no processo de ensino e aprendizagem de línguas e que podem interferir significativamente no processo. **Enquanto a Linguística teria como preocupação discutir teorias e métodos de ensino** focadas na aprendizagem do/a aluno/a como um fim, **A Linguística Aplicada preocupa-se em compreender as variantes sociais** implicadas no estudo da linguagem na prática social situada, e para isso, recorre a outras teorias que não apenas as da linguagem.

Já no tocante ao uso de recursos epistemológicos da Linguística Aplicada, temos algumas observações a serem tecidas. A primeira é a de que, tomando a Análise do Discurso (AD) como teoria/método que serve epistemologicamente à LA¹⁰, podemos observar sua ampla adoção nos trabalhos aqui investigados, devido repetida ocorrência nos excertos B1, B3, C1, C2, C3 e C6. Esta é, sem dúvida, uma característica marcante de que a LA funciona de forma independente da Linguística.

Outra observação é a de que, embora Ensino e Aprendizagem de Línguas (EAL) tenha sido o foco da LA na sua criação, a menção a este tema, neste trabalho, ocorreu apenas no excerto C4 em um montante de 14 (quatorze) trabalhos acadêmicos de 7 (sete) diferentes professores de 7 (sete) diferentes Instituições de Ensino Superior (IES). Compilando estes dados com os analisados no parágrafo anterior, podemos perceber o seguinte aspecto na LA brasileira: o desprendimento dos traços que a constituíram inicialmente enquanto área do conhecimento, a saber, a aplicação de Linguística e o exclusivo interesse na esfera de EAL.

10 A AD serve tanto à LA quanto à Linguística.

Dado isso, vamos partir para análise dos fundamentos teóricos selecionados pelos participantes nas confecções de seus trabalhos acadêmicos. Se por um lado podemos observar uma gama de fundamentos teóricos estrangeiros atribuídos aos trabalhos aqui selecionados, por outro lado, foram desvelados teorias e construtos teóricos desenvolvidos pelos participantes da pesquisa, tal como em B1, B4, C2 e C3. Nos chama a atenção o fato de que a totalidade destes excertos é composta de teoria/proposições teóricas na área da AD, o que confere via dupla com a LA.

Assim, podemos afirmar que a LA empreende pesquisas a partir das construções teóricas disponibilizadas pela AD ao mesmo tempo que (re)constrói novas propostas teóricas. Este movimento epistemológico já foi observado em outros estudos brasileiros, como em Amorim (2017, p.1, grifo nosso) que compara a LA com os estudos brasileiros:

Diversos campos de estudo - e suas agendas de pesquisa - têm procurado se (re-)inventar a partir dos novos discursos que emergem na contemporaneidade. Dentre esses campos, a linguística aplicada e os estudos brasileiros são áreas que, recentemente, **têm passado por redescrições**, em um movimento de contínua readequação a um fazer científico responsivo e responsável. E, **nesse movimento de redescrção, ambas as áreas apostam em novas epistemologias**, isto é, novas lentes. Sendo adequadas ao momento atual, essas lentes podem dialogar, contribuindo para a construção de um fazer científico sobre uma educação linguística que considere o contexto social, econômico, político e cultural mais amplo, no qual as pessoas vivem suas vidas.

Amorim (*Ibidem*) observou, por exemplo, a “possibilidade de diálogo efetivo entre esses campos do conhecimento [Linguística Aplicada e estudos brasileiros] num movimento de *transfertilização*, isto é, de benefícios mútuos para as duas áreas”. A partir de ambos os resultados (estes e os que apresentamos nos dois parágrafos anteriores), podemos inferir que tal relação pode ser uma constante nas (re)descrições dos fazeres científicos da LA e das áreas com as quais se relaciona.

E, por fim, identificamos que, no trabalho por ele sinalizado como representativo no desenvolvimento das suas pesquisas, B4 evita o termo Linguística Aplicada por compreender que este acolhe o sentido de aplicação de teorias (interdisciplinar), propondo o termo Ciência Aplicada da Linguagem (CAL). Aqui temos um empreendimento que merece maior atenção por se tratar de uma proposta arrojada que envolve pautas da LA desde sua chegada no Brasil no final da década de 1950. Primeiramente por ser uma proposta que desvincula os termos

Linguística e Linguística Aplicada, promovendo melhor entendimento da autonomia e legitimidade desta área enquanto ciência. Como desdobramento deste primeiro, um segundo aspecto a ser observado é o reconhecimento epistêmico e político oficial da LA). Por fim, destaque-se o posto que a LA brasileira ocupa na vanguarda das criações epistemológicas, afastando-nos da tradição de repetição (muitas vezes acrítica) do que vem de fora do país.

Vale lembrar que esta não é a primeira vez que a LA brasileira propõe mudanças significativas no estatuto epistemológico da área. Moita Lopes (2006) defende que os que fazem LA atuem além das fronteiras disciplinares, por entenderem que as identidades que nos constituem enquanto seres humanos estão em constantes mudanças e mobilidades. Com isso suscitaram-se problematizações diversas e criou-se uma crise no modo como se pensa a LA. Podemos observar, portanto, que há uma crise na LA (talvez desde sua fundação) ao mesmo tempo – ou por isso – que discussões epistemológicas ganham importância. Sobre esse aspecto concordamos com Archanjo (2011, p. 04): “são as necessidades da vida e dos sujeitos que levam a essas novas percepções. A identidade de um campo de estudos que revela, cada vez mais, uma preocupação com questões implicadas na vida do sujeito de linguagem”.

Agora, sigamos com algumas reflexões à guisa de conclusão.

Conclusão

Para se caracterizar uma área de conhecimento, é preciso distingui-la das outras. Não é uma tarefa fácil diferenciar, mesmo para pesquisadores mais experientes, áreas como a Filosofia, Linguística, Jornalismo, Linguística Aplicada, que têm o mesmo objeto de estudo: a linguagem. Concordamos com Neto (2004, p. 32, grifo do autor), quando este postula que “a escolha de um *objetivo* relativamente à abordagem de um *objeto* determina, na verdade, uma visão, um modo de construir esse objeto”, mas discordamos no sentido de que “o fato de [as demais disciplinas científicas, abordando a linguagem] ‘aceitarem’ nomes compostos (‘psicolinguística’, ‘antropologia linguística’, ‘neurolinguística’ etc) [...] constitui a Linguística como núcleo das ciências da linguagem”, uma vez que é comum haver distanciamento da gênese das palavras ao avançarem em sua constituição histórica.

De forma mais clara, termos nascem atrelados a um sentido, no entanto, ao sofrer múltiplas reconfigurações ao longo do seu desenvolvimento pode perder seu sentido original, que é o caso da Linguística Aplicada. Por isso, reconhe-

ceiros, sobretudo, que muito ainda há para estudar quanto o tema é a identidade de uma área tão plural como a LA.

Referências

- AMORIM, M. A. A linguística aplicada e os estudos brasileiros: (inter-) relações teórico-metodológicas. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 1-30, 2017.
- ARAÚJO, J.; PIMENTA, A. A.; COSTA, S. A proposta de um quadro norteador de pesquisa como exercício de construção do objeto de estudo. **Revista Interações**, Campo Grande, v. 16, n. 1, p. 175-188, jan./jun. 2015.
- ARAÚJO, J.; DIEB, M.; COSTA, S. M. O QNP e as dificuldades de construção do objeto de pesquisa: uma experiência de aprendizagem mediada sobre o gênero projeto de pesquisa. **Revista D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 3, n. 33, p. 729-757, 2017.
- ARCHANJO, R. Linguística Aplicada: uma identidade construída nos CBLA. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 609-632, 2011.
- AZUARA, M. C. C. Alfabetización académica: leer y escribir en y para las disciplinas. In: AZUARA, M. C. C. *et al.* (Org.). **Alfabetización académica y comunicación de saberes: la lectura y la escritura en la universidad**. México, 2013. p. 11-40.
- CAVALCANTI, M. C. **A propósito de linguística aplicada**. Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas, SP, v. 7, p. 5-12, 2012.
- CELANI, M. A. A. Transdisciplinaridade na linguística aplicada no Brasil. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (Orgs.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 129-142.
- FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. Tradução Roberto Cabral de Melo machado e Eduardo Jardim Morais, supervisão final do texto Léa Porto de Abreu Novaes – Rio de Janeiro: Nau Ed., 1996.
- FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola: 1996.
- IRINEU, L. M.; ARAÚJO, J. Interfaces em pesquisas em linguística aplicada: as epistemologias em estudos sobre linguagem e tecnologia no PPGL/UFC e no POSLA/UECE. In: LIMA, Alisson Hudson Veras; PITA, Julianne Rodrigues; SOARES, Maria Elias. **A Linguística na teoria e na prática**. São Paulo: Pimenta Cultura, 2020. p. 204-226.
- LEFFA, V. J. O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional. **Contexturas, APLIESP**, n. 4, p. 13-24, 1999.
- LEFFA, V. J. (Org.). **Pesquisa em Linguística Aplicada: temas e métodos**. Pelotas: Educat, 2006. 231p.
- MOITA LOPES, L. P. **Oficina de linguística aplicada**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.
- MOITA LOPES, L. P. **Por uma Linguística Aplicada (In)Disciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.
- MOITA LOPES, L. P. **Linguística aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani**. São Paulo: Parábola, 2013.

MOSCOVIC, S. Le Grand schisme. **Revue Internationale de Sciences Sociales**, v. 25, n. 4, p. 479-490, 1973.

NASCIMENTO E SILVA, D. do. 'A propósito da Linguística Aplicada' 30 anos depois: quatro truísmos correntes e quatro desafios. **Revista D.E.L.T.A.**, São Paulo, n. 31- Especial, p. 349-376, 2015.

NETO, J. B. **Ensaio de Filosofia da Linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

PAIVA, V. L. M. De O. e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

PAIVA, V. L. M.; SILVA, M. M.; GOMES, I. F. Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. **Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 25-50.

ROCHA, D.; DAHER, Del C. **Afinal, como funciona a Linguística Aplicada e o que ela pode se tornar?** Revista **D.E.L.T.A.**, v. 31, n. 1, p. 105-141, 2015.

SILVA, A. de P. N. **A construção sociorretórica do gênero Artigo acadêmico na Linguística Aplicada: um estudo sobre escrita acadêmica a partir da compreensão de Culturas Disciplinares**. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA), Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2019.

SILVA, A. de P. N. **Linguística Aplicada: o que é? como se faz?** São Paulo: São Pontes, 2020.

SMITH, R. **'Developing the History of Applied Linguistics'**: Introductory Remarks Disponível em: https://warwick.ac.uk/fac/soc/al/research/collections/elt_archive/presentations/developing_history_of_applied_linguistics/2000. Acesso em: 05 set. 2021.

TOMITCH, L. M. B.; SILVEIRA, R. Exploring major themes in applied linguistics: local and global context. **Revista Ilha do Desterro**, v. 73, n. 1, p. 11-18, 2020.

Sobre os autores

Marcus Vinícius Freitas Mussi - Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus de Cajazeiras, Curso de Letras. Professor e pesquisador. E-mai: marcus.freitas@professor.ufcg.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7411909677568084> Orclid: <https://orcid.org/0000-0003-1614-5258>

Júlio Araújo - Universidade Federal do Ceará (UFC), Centro de Humanidades, Curso de Letras. Professor e pesquisador. E-mail: araujo@ufc.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3016042855685546>. Orclid: <https://orcid.org/0000-0001-7399-3769>

Lucineudo Machado Irineu - Universidade Estadual do Ceará (UECE), Centro de Humanidades, Curso de Letras. Professor e pesquisador. E-mai: lucineudo.irineu@uece.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7709917335753934>. Orclid: <https://orcid.org/0000-0003-2713-3228>